

# REFLEXÃO ÉTICA SOBRE A PROBLEMÁTICA AMBIENTAL

Marisa Roveda<sup>1</sup>  
Dr. Francisco Itami Campos<sup>2</sup>  
Dr. José Paulo Pietrafesa<sup>2</sup>  
Dr. Roberto Prado<sup>2</sup>

## Resumo

O ser humano, durante o período em que se encontra no planeta Terra, tem conseguido evoluir significativamente nos aspectos: cultural, lingüístico, tecnológico, industrial e econômico, no entanto no que tange à questão social e ambiental parece longe do que seria o ideal.

O aprendizado da convivência com outros seres e com seres da mesma espécie parece idéia estranha para os seres humanos que, em sua maioria, ainda acreditam que os interesses individuais devam prevalecer sobre os coletivos e que a preservação da natureza como algo necessário à subsistência do homem é uma idéia alarmista que não leva a nenhum progresso material.

O que parece ser um dos grandes desafios da humanidade na atualidade é vencer o paradigma imposto pelas antigas gerações: do uso indiscriminado dos recursos naturais para conseguir o progresso e a falta da percepção da sua finitude e substituí-lo pela percepção da necessidade da preservação da natureza através da educação das gerações atuais e futuras no intuito de pensar o bem comum como resposta para a preservação do planeta Terra tal qual homens e mulheres o conhecem.

A proposta deste artigo é refletir como o pensar o bem comum é a resposta para a preservação do planeta Terra, e porque a partir do respeito aos indivíduos se conservará a sua casa e o seu planeta.

**Palavras chaves:** bem comum, preservação, meio ambiente.

## INTRODUÇÃO

A obra *Ética a Nicômaco* de Aristóteles, escrita no século IV a.C., trata em seu livro I da questão das ações dos seres humanos. Argumenta Aristóteles: “toda ação possui um objetivo, ou seja, um fim. Nada é feito sem que haja um objetivo, pois a ação é definida pelo fim”.( *Os Pensadores*. Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1973.) Por exemplo, se se pergunta: “o que estás fazendo?”, e se responde “derrubando árvores”, o fim da ação é precisamente derrubar árvores. Além disso, o fim da ação é sempre tomado como um bem (não absoluto, mas relativo ao sujeito, ou seja, é um bem

---

<sup>1</sup> Aluna do mestrado Sociedade Tecnologia e Meio Ambiente da UniEvangélica

<sup>2</sup> Professores da disciplina Sociedade e Meio Ambiente do mestrado Sociedade e Meio Ambiente da UniEvangélica.

subjetivo, não objetivo. É claro que algo que é tomado como bom pode vir a não ser, de fato, bom, objetivamente bom.). Ninguém faz nada por achar que isso será mau para si, sempre o contrário. (Até mesmo o masoquista não faz mais que corroborar essa afirmação: sofrer é, para ele, bom). Os fins das ações de cada sujeito não são dispersos e sem orientação nenhuma em sua vida. Pelo contrário, eles são todos bem organizados. Isso porque o fim de uma ação pode ser um meio para que se chegar a um outro fim, e no mais das vezes o é. Assim, no exemplo acima, pode-se dar continuidade ao diálogo: “e por que derrubas árvores?”, responder-se-á algo do tipo “sou pago para isso”, “e por que queres ser pago?”, “pois assim obtenho dinheiro”, “e por que queres dinheiro?”, “pois com ele posso fazer muitas coisas”, “que coisas são essas?”, “comer, pagar minhas contas, dar presentes aos meus filhos etc”, e assim por diante. Ou seja, a finalidade de uma ação é um meio para outra. E o próprio bem da primeira é função do bem da ação para o qual ela é o meio, ou seja, derrubar arvores só é feito (é considerado bom) porque ganhar dinheiro é considerado bom. O bem de uma ação é, portanto, algo transitivo: ele vai transmitindo-se pela cadeia das finalidades. Essa cadeia, no entanto, não pode ser infinita pois, se fosse, não haveria motivo nenhum para se fazer algo: o bem deve provir de algum lugar. A necessidade da exploração da natureza pelo homem tinha uma finalidade - a sua própria subsistência, a busca em fazer o que pensava ser melhor para si, sem perceber as conseqüências de suas ações em relação ao que hoje denominamos de meio ambiente.

Pensar a crise ambiental que se vive hoje requer uma reflexão sobre a própria história do homem e a forma que esse homem viu a natureza durante a sua passagem pelo Planeta: na Grécia Antiga o homem estava integrado à natureza que era vista de forma mística. O agir estava vinculado com essa relação que se tinha com a natureza, era um meio de se viver harmoniosamente, a ação tinha como fim o respeito, o temor e a admiração. Esse fim era um meio de se viver melhor, pacificamente. Na Idade Média, a natureza estava a serviço do homem. Ambos como criação divina. Todas as ações do homem em relação à natureza visavam a sua subsistência. Na modernidade, a natureza foi vista como um mecanismo que poderia e deveria ser usado para atender às necessidades do ser humano como um recurso infinito; não havia regras ou limites sobre o uso dos recursos naturais porque não havia nenhuma conseqüência negativa em relação ao uso indiscriminado. A destruição da natureza tinha como fim o bem do

homem, o consumo desenfreado era um meio para o enriquecimento e para uma melhor qualidade de vida do ser humano, durante esse período o progresso industrial estava baseado no uso dos recursos da natureza. No Mundo Contemporâneo o homem reluta contra a herança deixada pela Idade Média sob pena de ser extinto como consequência de suas próprias ações. A preservação do meio ambiente tem um fim, preservar a espécie humana. Roberto Guimarães (2001p.52) vai afirmar que:

A singularidade da atual crise de civilização deve ser adequada e reveladoramente caracterizada como o resultado de uma transição ecológica cuja origem se deu a 9000 anos com o advento da Revolução Agrícola.

O processo agrícola é um exemplo da ação do homem com a finalidade de trazer benefícios a si e aos seus. Este processo ajudou o ser humano a se manter e a se proliferar em locais em que antes seria impossível. A especialização da fauna e da flora são modelos que trouxeram maior comodidade dispensando uma vida nômade e cheia de incertezas em relação à alimentação. Essa forma de comportamento, no entanto, contribuiu para o aceleração do ciclo vital do planeta que, ao ter sua forma original modificada, passou a responder naturalmente às mudanças, acelerando um processo natural que é prejudicial à humanidade que não está preparada para as alterações que passam a ser cada vez mais freqüentes mas que, no período, atendeu a uma necessidade crucial para a sobrevivência. A ação tinha uma finalidade que gerava um bem e que estava no princípio de uma cadeia de finalidades que trazia benefícios subjetivos e objetivos.

A herança cultural, econômica e social que a sociedade moderna recebeu trouxe consequências em vários âmbitos, porque atualmente não se consegue perceber a necessidade de: mudar hábitos; criar novas tecnologias que não explorem a natureza economicamente, mas sim a preservem; desenvolver processos sustentáveis, buscando qualidade de vida para todos os habitantes do Planeta em conciliação com o meio ambiente. Toda forma de preservação ainda parece desnecessária, são velhos costumes e paradigmas arraigados na alma e, por consequência, no comportamento das pessoas.

A exploração ambiental, que na revolução agrícola tinha como fim a subsistência, a partir da Idade Moderna passou a ter um caráter exploratório e de acúmulo de riquezas originando um processo de degradação sócioambiental. O que

antes era fonte de emprego, tornou-se um problema de saúde, de higiene e de exploração econômica. Algumas minorias detiveram o poder sobre os recursos naturais enquanto a grande maioria assistiu e colaborou com a sua exploração e deterioração. A busca de um bem imediato e a falta de informação sobre o Planeta, sua estrutura, sua formação e seus recursos não permitiu aos seres humanos pensarem em como ele reagiria com o tempo. A ação exploratória em busca de comodidade e riquezas, que teve como centro o bem subjetivo, destruiu a possibilidade dos seres humanos e de outras espécies viverem em determinados ambientes que o Planeta antes oferecia e que atualmente não existem mais ou estão próximos de serem destruídos.

A necessidade da construção de um novo paradigma sobre a natureza, sobre o meio ambiente e sobre a questão social faz-se cada vez mais necessária para que se possa ter uma sociedade mais justa e até mesmo permitir a continuação da espécie humana. Segundo Guimarães (2001, p.55):

Afirmar que os seres humanos constituem o centro e a razão de ser do processo de desenvolvimento significa advogar um novo estilo de desenvolvimento que seja ambientalmente sustentável no acesso e no uso dos recursos naturais e na preservação da biodiversidade; Socialmente sustentável na redução da pobreza e das desigualdades sociais e promotor da justiça e da equidade; culturalmente sustentável na conservação do sistema de valores, práticas e símbolos de identidade que, apesar de sua evolução e sua reatualização permanentes, determinam a integração nacional através dos tempos; Este novo estilo de desenvolvimento tem por norte uma nova ética do desenvolvimento, ética na qual os objetivos econômicos do progresso estão subordinados às leis de funcionamento dos sistemas naturais e aos critérios de respeito à dignidade humana e de melhoria da qualidade de vida das pessoas.

Este autor afirma a necessidade de uma nova ética do desenvolvimento que busque um fim que seja o bem comum, assim, a busca do bem individual trará conseqüências negativas para toda a humanidade. O bem em âmbito coletivo mundial será alcançado se todos, individualmente, mudarem suas ações, atitudes, hábitos e buscarem qualidade de vida para si e para os demais.

A ação de preservação do planeta tem uma finalidade que se constitui num bem maior: a continuação da espécie humana em um ambiente em que foram necessários milhares de anos para a sua adaptação. Manter o planeta em condições ambientais em que o ser humano esteja adaptado é imprescindível para sua sobrevivência. E nesse aspecto não é um bem subjetivo, mas objetivo, porque está acima das necessidades

individuais manter o meio dentro dos padrões naturais para que seja possível a existência humana.

Se o fim de uma ação pode ser um meio para se chegar a um outro fim, e na maioria das vezes o é, como diz Aristóteles (Ética a Nicômaco Lv. I ), preservar a Natureza também tem um outro fim: preservar a espécie humana. Todas as ações que envolvem essa finalidade levam a um bem, que deve estar acima dos interesses individuais, porque se trata de um bem objetivo e o ser humano, tendo consciência dessa necessidade, não poderá cometer quaisquer ações contra esse fim sem estar cometendo um mal. Degradar o Meio Ambiente é cometer um mal contra a humanidade.

As ações realizadas com a finalidade de atingir um bem individual podem ser consideradas um mal porque em alguns casos estarão indo contra um bem objetivo que atende o bem comum. Há ainda aqueles que não se manifestam, nem contribuindo com a preservação e nem destruindo a natureza diretamente, apenas consomem e não se sentem responsáveis pela poluição ambiental ou pela destruição dos biomas. De acordo com a idéia de que todos devem participar para a construção do bem comum, aquele que se mantém alheio à problemática ambiental contribui com a destruição do meio como atualmente ele se apresenta, por não realizar nenhuma ação que preserve a natureza e comungar de benefícios trazidos pela sua destruição.

A longo prazo, até mesmo aquele que se beneficiou da destruição ambiental terá seus prejuízos econômicos, sociais e culturais porque a ausência de uma consciência coletiva não isentará os indivíduos de sofrer os efeitos de suas ações. A falta de percepção em relação aos problemas locais pode levar a consequências para toda a humanidade (problemas de saneamento básico de uma pequena comunidade podem ocasionar graves problemas para uma grande cidade ou um grande Estado), pois as ações individuais com fins subjetivos podem beneficiar momentaneamente alguns indivíduos, mas se cada um apenas se concentrar em ações que satisfaçam suas necessidades e lhes traga apenas o bem subjetivo, sofrerá consequências que lhe trarão um mal irrevogável - a própria extinção de sua espécie ou a perda da qualidade de vida. A preservação ambiental deve ser vista como algo que deve ser enfrentado por todos, em benefício de todos. Os recursos tecnológicos, científicos e culturais devem estar

voltados para a reconstrução e preservação do planeta tal qual se está habituado e não para o enriquecimento desmedido de um pequeno grupo.

Para o bem da humanidade, o sinônimo de progresso deve ser visto como melhor condição de vida para todos os habitantes do planeta Terra, independente do status social, econômico ou cultural e não com o acúmulo de capital e recursos por alguns poucos. Left (2000, p.307) alerta que:

O caráter global e complexo da problemática ambiental contrasta com o estado primário da consciência sobre as suas implicações e com o extremo localismo dos interesses que mobilizam a sociedade à volta dos seus objetivos. Alguns dos problemas ambientais que aglutinam o protesto e a ação cidadã permeiam os interesses das diversas classes sociais.

As diversas classes sociais devem ter suas ações centradas em fins que beneficiem a todos, porque embora se perceba que os menos favorecidos economicamente sofrerão mais com as conseqüências da problemática ambiental ( falta de água, águas contaminadas, falta de energia, falta de alimentos, pandemias) os mais favorecidos economicamente também sofrerão as conseqüências do meio ambiente comprometido, porque o mundo é uma grande aldeia que sofre conseqüências das ações individuais. As catástrofes ambientais poderão ocorrer em grandes e ricas metrópoles, assim como nas pequenas comunidades pobres, trazendo problemas sociais e econômicos para todas as classes sociais.

As transações comerciais e financeiras estão vinculadas, as relações sociais e culturais estão interligadas portanto, nesta grande cadeia global as conseqüências da falta de comprometimento com a natureza serão inevitáveis a todos.

## **Conclusão**

Perceber a questão ambiental como um problema que deve ser enfrentado por todos tem sido um dos grandes desafios da sociedade moderna que, embora sofra as conseqüências desse processo destrutivo iniciado a partir das ações do homem sobre o planeta e do processo evolutivo biológico do planeta, ainda não adquiriu uma consciência mundial disposta a mudar hábitos e costumes em prol do bem comum da humanidade e da preservação de todas as espécies que vivem no planeta Terra.

A tecnologia tem influenciado a aceleração do processo biológico do planeta e levado a conseqüências graves para o ser humano habituado a esse meio. Não se pode afirmar que a aceleração da destruição do meio ambiente atual se perpetue pois, a partir de uma conscientização da necessidade de ações que tragam benefícios e o bem para todos de forma objetiva, a tecnologia e a ciência poderão ser usadas em benefício do homem e da sua preservação e o retardamento ou pelo menos a continuação do ciclo natural de vida do planeta Terra.

Atualmente, a intervenção da ciência sobre a natureza tem sido de forma quantitativa e prática porque o paradigma vigente é o de que a natureza deve ser dominada para o melhor aproveitamento econômico possível. O sinônimo de progresso e de prosperidade está centrado na economia e no desenvolvimento quantitativo, mas é possível que com a conscientização da necessidade de se manter o meio ambiente dentro dos padrões possíveis de sobrevivência humana poderá ser construído um novo paradigma ligado à qualidade de vida das pessoas e com um novo conceito de qualidade de vida que não seja sinônimo de consumismo e imediatismo.

As ações da sociedade pós-moderna devem ser voltadas para um fim que seja o bem comum de todos os integrantes dessa sociedade para que seja possível a sua sobrevivência no planeta Terra. Para tanto, todos os recursos devem ser usados em todos os níveis: intelectuais, econômicos, tecnológicos, científicos e sociais. E para haver esse empenho em prol desse mesmo objetivo que é comum a todos mas que, de alguma forma, atenda a subjetividade, é necessário que a sociedade se liberte de antigos paradigmas e que se anuncie um novo modelo que desperte o ser humano da alienação do consumismo, torne todos os homens e mulheres conscientes de sua responsabilidade pela sobrevivência da espécie humana nesse planeta e da importância dos demais seres que dividem o espaço terrestre para manter o equilíbrio desse sistema.

## **Abstract**

### **ETHIC REFLECTION ABOUT ENVIRONMENTAL PROBLEMS**

The human being during all the period that he is in the Earth has evolved in some aspects: cultural, technologic, industrial and economical however about the social and environmental question, it is not the ideal.

The learning of convivence with other beings and beings of the some specie seems strange to human beings, that believe that the individual interests must overcome the

group interests and that the preservation of nature as necessary to the life of man is warning idea that doesn't take to any material progress.

Nowadays one of the biggest challenges of the humanity is to win the paradigma created by old generations, the indiscriminated use of natural resources to have progress and the lack of perception of its finity and replace it by education of this and next generation in order to think in the well being as answer to the preservation of earth in the way men and women know it.

The proposal of this article is to understand how the thinking, the well being is the answer to the preservation of earth, in the way men and women know it.

The proposal of this article is to understand how the thinking, the well being is the answer to the preservation of earth and with the respect for the people will keep your house and your planet.

Key words: well being, preservation environment

### **Referências Bibliográficas**

ARISTÓTELES: Ética a Nicômaco. In: *Os Pensadores*. Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1973.

GUIMARÃES, Roberto : A Ética da sustentabilidade e a formulação de políticas de desenvolvimento. In: VIANA, Gilney; SILVA, Marina; DINIZ, Nilo ( organizadores): *O desafio da sustentabilidade: Um debate socioambiental no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.

LEFT, Enrique: *Ecologia, Capital e Cultura: racionalidade ambiental, democracia participativa e desenvolvimento sustentável*. Blumenau: Ed. Da Furb, 2000.



